

UMA HISTÓRIA PARA CLARICE

Patrícia Lino*

Contarei uma história, sempre gostei de as contar. Esta história é sobre Clarice, conheceis Clarice, não, ora como não, resolvamos então o problema: escutai com muita atenção, posso parar de vez em quando, não porque me esqueci, mas é que quando a gente vive demais uma história, as palavras não saem mais só da boca. E quando todo o corpo fala, podeis imaginar-vos, a vós mesmos leitores, ganhando mais do que uma história, eu diria que uma história vivida. Não terei em muita consideração o tempo, o tempo e muito mais, há coisas que não são precisas quando se conta uma história. Pois bem, tudo começou há uns meses, deambulava eu lá pelos ares da baixa, quando entrei na primeira livraria com que os meus olhos se cruzaram, na minha história ela será uma livraria sem nome, então eu entrei. Já dentro da livraria sem nome, eu procurei Clarice, senhor tem Clarice Lispector, a procura foi demorada, como tudo o que é bom se demora, Clarice não está menina, mas eu insisti. Já naquele dia, parecera-me que Clarice estava por toda a parte, sobretudo nas livrarias. Mesmo que sem nome. E insisti de novo. Como a gente sempre insiste quando quer muito. E continuámos procurando, eu e o senhor. Até que a encontramos, tinha capa branca e vermelha. Poucos livros me haviam parecido tão bonitos até ali. Era o último livro de Clarice nas prateleiras da livraria sem nome. A sensação de nos depararmos com um livro que é desejado, como desejamos sempre os bons livros, é prazerosa. E não foi só o prazer. Houve também o contentamento que toda uma descoberta acarreta. E a descoberta, contente, havia de se prolongar umas horas depois. Chegada a casa, desfolhei o livro e vi Clarice, como assim, ora eu vi Clarice quando abri o livro. Será que foi por ele ser o último da livraria, talvez o último traga mais de Clarice, ela mesma, pensei. E Lispector pareceu-me naquele primeiro momento, tão bela, oh daquela beleza que faz os homens chorar. Haverá ainda homem que chore por coisas belas, há-de haver, pelo menos na minha história eu posso imaginar que sim. Mas continuando, leitores, nos seus olhos havia

mistério, não aquele mistério desinteressantemente provocado, sabeis, que logo descobrimos sê-lo assim, não, o mistério que eu vi e ainda hoje vejo nos olhos de Clarice, é um mistério ainda mais prazeroso do que encontrar um livro e desfolhá-lo. Olhá-lo é cometer um crime. E Clarice é bela até aos dias de hoje. E continuará sendo. Sabeis que dou por mim, nesta minha história e fora dela, olhando-me também como uma criminosa, mas no meu crime há só amor, bem sabeis. Se não sabeis, ficai sabendo. Mas deixai-me continuar a história, que ela precisa de ter alguém que a conte. Assim que vi Clarice, eu quis desenhá-la. Sempre me disseram que desenhar, se desenhava com amor. Eu acho que sempre desenho Clarice com amor. Então, desenhei-a pela primeira vez. Carvão e papel, erros e paixão. Quando me vi diante do desenho, desejei fazer mais e melhor. Mais e melhor podia ser o nome da minha história. Sempre tive tendência a querer sempre mais, nesta e em todas as outras minhas histórias, e fui fazê-lo. Saí às ruas, já que as pessoas não vinham a minha casa. Porque é que saí às ruas, ora, acontecia no meu quarto uma coisa enorme, e como se partilha o pão, eu fui partilhar a enorme coisa do meu quarto. Por isso, saí às ruas. Levei os olhos de Clarice a todos aqueles que encontrei passando. E eles seguravam esses olhos, perguntavam quem era a senhora do papel, as pessoas ainda hoje me perguntam, sabeis como me dá gosto em lhes responder, é um dos maiores nomes da literatura brasileira do século vinte, mas na verdade e aqui na minha história, Clarice não é só isso. Não. Clarice é tudo aquilo que não vem com palavras, porque não podem as palavras trazer Clarice, a menos que ela as escreva. Clarice partiu a nove de dezembro de mil novecentos e setenta e sete, aqui na história quero tudo por extenso, e a mim parece-me que ela continua sempre escrevendo. Acho que livro que é livro clariceano nunca acaba. Sei que já vos falei da minha tendência a querer sempre mais, pois bem, eu quis ainda mais do que os passeios e as pessoas lá neles: é que há o cinema e há a leitura, há coisas como o design e há ainda, o estudo e com ele, a escrita. Eu fui filmar, eu fui ler, na minha história eu também me dediquei ao design, eu também estudei e eu também escrevi. E ainda hoje filmo, leio e me dedico a todas as coisas que me possam ajudar, há que continuar a história. A história não pode morrer.

Alguém disse que Montesquieu escreveu, um dia, que as pessoas belas jamais despertam grandes paixões. Se olharem nos olhos de Clarice, verão que não é a mulher que obedece aos estereótipos e concepções mundiais de beleza, e eu não sou pessoa de lhes ligar, Clarice despertou em mim uma grande paixão. Montesquieu tinha razão, a pessoa que me mostrou o que pensou Montesquieu também. O tal crime, a total necessidade de desfolhar livro que é livro: a santidade foi-se-me toda.

Hoje, somos cada vez mais. Nas livrarias deambula um maior número de clariceanos, espero que os leitores o queiram ser também, nos passeios já há também quem o seja. Reformulo, a santidade foi-se-nos toda.

Na minha história, a livraria continua sem nome, o senhor que me disse não haver livro, mandou encomendar mais livros de Lispector e lê actualmente a *Paixão segundo G.H.*, e eu que saí do meu quarto para levar Clarice ao mundo, sendo ela já dele, sem que eu exista, creio não ter regressado nunca mais a casa.

Patrícia Lino a 4 de Março de 2009

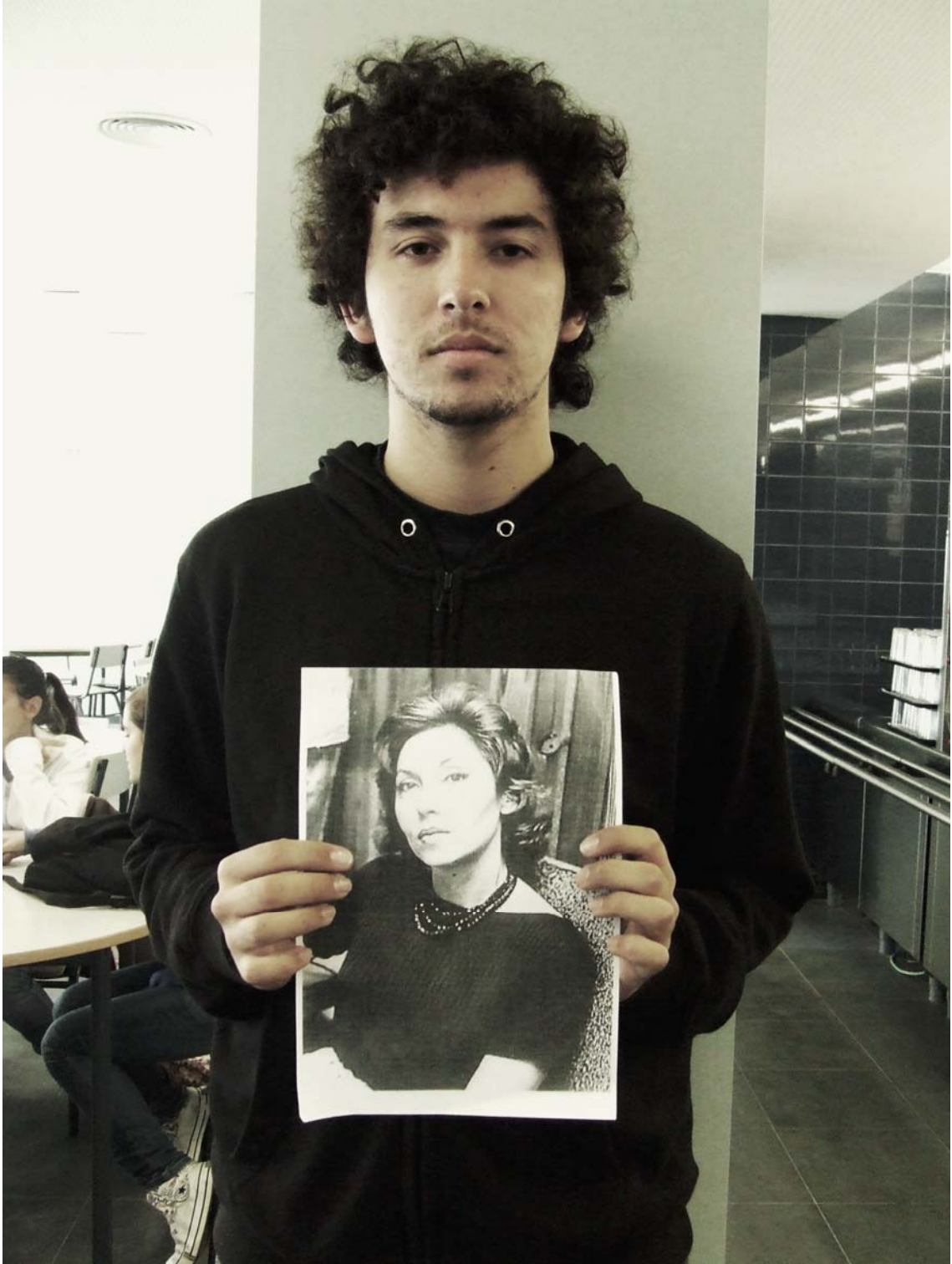
O que é o Projecto Clarice?

O **Projecto Clarice** está a ser actualmente realizado por Patrícia Lino (aluna do primeiro ano da Licenciatura do Curso de Línguas, Literaturas e Culturas - variante Português/Línguas Clássicas - na Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e tem como principal objectivo divulgar a tão belíssima obra literária da escritora brasileira **Clarice Lispector**.

Como surgiu o Projecto Clarice?

Pergunte-se: já sentiu a necessidade de falar sobre algum assunto que devia, na sua opinião, ser partilhado por multidões? Entenda agora que isso pode acontecer-lhe, em casa, enquanto lê um livro. Patrícia lia os contos da escritora brasileira **Clarice Lispector**, quando nasceu em si a necessidade de levar aquilo que havia lido às pessoas: saiu portanto, às ruas. E a partir daí, achamos que não regressou mais a casa. Divulgar um escritor ou o que quer que seja, mas sobretudo uma escritora como **Clarice Lispector** não é uma tarefa fácil. Mas Patrícia crê não ser impossível. O **Projecto Clarice** envolve variadíssimas áreas de comunicação, para que a mensagem não se perca e chegue ao maior número de indivíduos. Entre essas áreas de expressão, que a Patrícia se dispôs a aprofundar, encontram-se a fotografia, o cinema, a multimédia, o design gráfico, o desenho e ainda, está claro, a escrita. Para além delas, a aluna já realizou e realizará sessões de leitura, apresentações e ainda exposições relativas à mensagem fulcral: levar **Clarice Lispector** às pessoas, ou como já foi referido antes e ambiciosamente, às multidões.











<http://www.youtube.com/watch?v=axMe6-v3k-s>

